

FUTEBOL FEMININO NO BRASIL: PROBLEMATIZANDO SABERES DE RESISTÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Women's football in Brazil: problematizing resistance knowledge in Physical Education classes

Diovanna Stelmam Negeski Aguiar

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo¹

Daniel Teixeira Maldonado

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo²

Resumo: O objetivo desse estudo foi analisar as relações de gênero existentes nas práticas corporais, dando ênfase para o futebol feminino, na perspectiva de produzir conhecimentos que possam ser problematizados nas aulas de Educação Física. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de interpretação de documentos em ambiente virtual online nos endereços digitais do Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, especificamente na coleção sobre futebol feminino. O material empírico foi submetido à análise de conteúdo. Foram criadas três categorias sobre a temática, sendo elas: estrutura do futebol feminino no Brasil, relações de gênero no futebol feminino e corpo das mulheres controlado e policiado no futebol feminino. Concluímos que a luta por um ambiente mais igualitário e respeitoso se mantém tanto dentro quanto fora das quatro linhas e esses temas precisam ser debatidos na Educação Física Escolar.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Ensino Médio; Relações de Gênero; Futebol Feminino.

Abstract: The aim of this study was to analyse the existing gender relations in bodily practices, emphasizing women's football, with a view to producing knowledge that can be problematized in Physical Education classes. This is a qualitative research on the interpretation of documents in an online virtual environment at the digital addresses of the Sports Memory Center of the School of Physical Education, Physiotherapy and Dance of the Federal University of Rio Grande do Sul, specifically in the collection on women's football. The empirical material was submitted to content analysis. The information was analysed by content analysis. Three categories were created on the theme, namely: structure of women's soccer in Brazil, gender relations in women's soccer, and women's bodies controlled and policed in women's soccer. We conclude that the fight for a more egalitarian and respectful environment remains both within and outside the four lines and these themes need to be debated in Physical Education at School.

¹diovannanegeski@outlook.com; Estudante do curso de Informática Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de São Paulo. Bolsista de iniciação científica do programa PIBIFSP.

²danielmaldonado@yahoo.com.br; Professor de Educação Física. Doutor em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeu. Pós-Doutor em Educação.



Keywords: School Physical Education; High School; Gender Relations; Women's Football.

INTRODUÇÃO

O universo do futebol caracteriza-se por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente masculino, refletindo os valores socioculturais estabelecidos pela sociedade (FRANZINI, 2005). Nesse contexto, após anos de proibição da realização de competições oficiais do futebol disputado por mulheres no Brasil, devido ao discurso que essa prática poderia “masculinizar” as atletas, acabar com a essência feminina ou deixar marcas no corpo que inviabilizariam a maternidade, na década de 1980 surgem vários times femininos, clubes criam suas equipes e alguns campeonatos adquirem visibilidade no calendário esportivo nacional (GOELLNER, 2005).

Todavia, Goellner (2021) menciona que essas conquistas das mulheres no futebol ocorreram com muitas descontinuidades e resistências. Segundo a autora, em 1940 acreditava-se que o futebol feminino deveria apenas ser visto como exibição grotesca e teatral, e é nessa realidade que nasce o primeiro pensamento que essa prática corporal seria uma modalidade abjeta e nefasta para as pessoas do gênero feminino. Outras ideias que permeavam o pensamento da época eram relacionadas à natureza feminina, produzindo um discurso que a prática do esporte poderia ameaçar a maternidade sadia, desestabilizar as representações de gênero e as relações de poder.

Com isso, também em 1940, José Fuzeira³ endereça uma carta ao então presidente Getúlio Vargas, advertindo que a prática do futebol poderia afetar a saúde das mulheres e dos seus filhos. Contudo, as jogadoras não se calaram e manifestaram sua revolta perante o conservadorismo imperante na época. Mesmo com a proibição do futebol feminino, em 1941 por Getúlio Vargas, as atletas não pararam de resistir

³ Segundo Magri (2021, s. p.), José Fuzeira era um cidadão comum que, sem qualquer embasamento científico, endereçou a Getúlio Vargas suas críticas ao futebol feminino. Na perspectiva de Fuzeira, “o movimento entusiasta que empolgava centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol não levava em conta que a mulher não poderia praticar esse esporte violento sem afetar, seriamente, o equilíbrio psicológico das funções orgânicas, devido à natureza que a dispôs a ser mãe”.

continuando a articular a sua prática mesmo que na clandestinidade (GOELLNER, 2021).

Somente no dia 17 de abril de 1983, com o estádio do Grêmio praticamente lotado, a Federação de Futebol do Brasil autorizou um jogo, ainda que cumprindo alguns requisitos estabelecidos, como: a diminuição do tempo da partida, o tamanho do campo, o peso da bola, além do uso de protetores para os seios e as chuteiras sem travas pontiagudas (GOELLNER, 2021).

Após isso, o futebol feminino caminhou, porém, a passos lentos e descontínuos. De fato, o cenário dessa prática corporal nunca foi animador no contexto brasileiro, já que a cada dois passos que as mulheres andavam para frente, eram mais quatro passos para trás, pois as jogadoras lidavam (e ainda lidam) com condições precárias, falta de investimentos, preconceito e sexismo que algemam e limitam. Nas categorias de base, apenas 475 jogadoras com menos de 18 anos são registradas nos clubes. Outro número nada animador é o que indica que o Brasil possui um total de apenas 15 mil mulheres disputando campeonatos em algum nível, sendo esse um quantitativo menor do que em países da América do Sul, como a Argentina (27 mil) e a Venezuela (24 mil) (GOELLNER, 2021).

Confirmando as dificuldades vivenciadas pelas jogadoras de futebol ainda no século XXI, Mourão e Morel (2005) e Souza e Knijnik (2007) analisaram as narrativas da mídia esportiva sobre o futebol feminino e concluíram que a produção midiática reforçou o discurso de fragilidade da mulher, além de espetacularizar o corpo feminino, dando mais valor aos aparatos físicos e comportamento das atletas do que para as suas habilidades como jogadoras do respectivo esporte. Na mesma perspectiva, Neves (2019) identificou que o jornalismo esportivo costuma associar a figuras femininas a papéis secundários no noticiário, sejam elas apresentadoras de televisão, torcedoras ou jogadoras.

Mais recentemente, Salvini e Marchi Júnior (2016a) narraram a história do futebol feminino contada pela revista PLACAR entre os anos 1980 e 2010. O autor e a autora analisaram todas os periódicos disponíveis online desse período, selecionando 23 revistas pertinentes ao assunto. Os resultados evidenciaram que as reportagens publicadas na década de 1980 pela revista foram afetadas pela liberação da prática do futebol feminino no Brasil.



A década de 1990 foi marcada por um processo de dicotomia entre jogadoras com habilidade esportiva e as que utilizavam o meio como um trabalho “não esportivo”, pois eram consideradas modelos e atrizes, por conta do padrão de beleza corporal, distanciando-se das jogadoras federadas, utilizando o espaço midiático “como uma vitrine social”. Entre os anos 2000 e 2010, as publicações reforçavam o retrato de um futebol “amadurecido e resiliente”, que descrevia competições e a trajetória de Marta⁴, mas ainda tendo em vista as dificuldades da modalidade.

Oliveira e Maldonado (2020) também analisaram a produção discursiva da PLACAR sobre o futebol feminino no Brasil. A partir de uma pesquisa documental, em 1017 números da respectiva revista, localizados na biblioteca do Museu do Futebol em São Paulo, foi realizada a análise de conteúdo para identificar unidades de significado sobre a modalidade esportiva. Nesse estudo, a autora e o autor identificaram que o discurso sobre a mulher no futebol está fortemente marcado pela proibição e discriminação. Apesar disso, graças a inúmeras atletas e aos ideais feministas, as jogadoras estão gradativamente conquistando espaço e respeito.

Segundo Goellner (2021), apesar dessa nefasta realidade, um novo avanço parece estar em andamento, já que em setembro de 2020 as ex-jogadoras Aline Pellegrino e Eduarda Luizelli assumiram o comando de cargos importantes na CBF. Episódios como estes reforçam os ânimos de quem admira o futebol feminino, mas principalmente de quem vive dele.

A literatura da área tem mostrado que a produção sobre o futebol feminino no Brasil tem evidenciado os aspectos históricos, sociais e culturais da modalidade esportiva (principalmente discussões sobre gênero, incentivos e preconceitos) e a performance/alto rendimento (FERREIRA et al., 2021).

Dessa forma, defendemos que temas como a sexualização da mulher no futebol, a luta pela igualdade de gênero nessa modalidade esportiva, a existência de

⁴ Marta Vieira da Silva, a Marta, é a principal jogadora de futebol do mundo e atua em campo na posição de atacante. Nascida no município de Dois Riachos, em Alagoas, no dia 19 de fevereiro de 1986, a brasileira é chamada de rainha do futebol e foi eleita seis vezes como a melhor jogadora do mundo pela Federação Internacional de Futebol (FIFA).

jogos e campeonatos de futebol feminino e as diversas profissões que são ocupadas por mulheres nessa prática corporal podem ser problematizados nas aulas de Educação Física. Assim, decidimos ampliar essas pesquisas, analisando as entrevistas com praticantes e profissionais envolvidas com o futebol feminino.

Sendo assim, o objetivo desse estudo foi analisar as relações de gênero existentes nas práticas corporais, dando ênfase para o futebol feminino, na perspectiva de produzir conhecimentos que possam ser problematizados nas aulas de Educação Física Escolar.

MÉTODO

Foi realizada uma pesquisa qualitativa de interpretação de documentos (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009) em ambiente virtual online (KOZINETS, 2014) que colheu e interpretou os dados verbais das entrevistas com praticantes e profissionais envolvidas com o futebol feminino, disponíveis nos endereços digitais do Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul⁵.

Examinamos, especificamente, a coleção sobre futebol feminino⁶, criada em 2015 como ação política de visibilidade para as mulheres neste esporte. Esse acervo resulta de um investimento do Centro de Memória de Educação Física e Esporte na produção de registros sobre esta presença, visto que há poucas fontes de pesquisa, tanto nos diferentes suportes midiáticos, como na história oficial da modalidade, sendo constituído por cinco formatos de materiais: audiovisual, depoimentos, documental, iconográfico e tridimensional, obtendo maior densidade nos objetos iconográficos que, em sua maioria, existem apenas no formato digital.

A pesquisa foi efetuada em etapas: 1. Exploração de todas as abas e links disponíveis do endereço eletrônico; 2. Localização dos materiais sobre o futebol feminino disponibilizados; 3. Descarga dos documentos em versão pdf para o computador pessoal da pesquisadora e do pesquisador. 4. Leitura e seleção de todo

⁵ Disponível em: https://www.ufrgs.br/ceme/site/memoria/33_Inauguracao_da_REDE_CEDES/

⁶ Disponível em: https://www.ufrgs.br/ceme/?page_id=444



o acervo digital que versa sobre a participação das mulheres nessa modalidade esportiva; 5. Elaboração de categorias acerca da história, dificuldades e a luta por equidade das mulheres, que exercem a sua profissão nessa manifestação da cultura corporal, em tabelas e textos descritivos.

Fundamentada em Hodder (2012), a metodologia adotada na pesquisa assume que os significados atribuídos pelos pesquisadores ao material lido não residem apenas nos textos analisados, mas nos processos de interação discursiva entre a leitura de mundo dos/das pesquisadores/as e o texto.

No quadro 1, é possível identificar a quantidade de entrevistas de jogadoras e profissionais envolvidas com o futebol feminino analisadas.

Quadro 1 – Entrevistas analisadas sobre futebol feminino disponíveis no Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

NOME	PROFISSÃO	DATA DA ENTREVISTA
Licia Sobrosa Machado (1)	Ex-jogadora de futebol, atual jogadora de futsal	24/09/2013
Licia Sobrosa Machado (2)	Ex-jogadora de futebol, atual jogadora de futsal	24/09/2014
Licia Sobrosa Machado (3)	Ex-jogadora de futebol, atual jogadora de futsal	30/06/2015
Daiane Menezes Rodrigues (Bagé) (1)	Jogadora	maio de 2014
Daiane Menezes Rodrigues (Bagé) (2)	Jogadora	25/04/2015
Emily Alves da Cunha Lima	Jogadora de futebol	14/03/2015
Geórgia Balardin	Jogadora de futebol	25/03/2014
Aline Pellegrino (1)	Ex-jogadora de futebol	28/11/2013
Aline Pellegrino (2)	Ex-jogadora de futebol	14/05/2014
Aline Pellegrino (3)	Ex-jogadora de futebol	09/03/2014
Aline Pellegrino (4)	Ex-jogadora de futebol	23/06/2015
Eduarda Marranghelo Luizelli (Duda) (1)	Ex-jogadora de futebol	15/10/2009
Eduarda Marranghelo Luizelli (Duda) (2)	Ex-jogadora de futebol	15/04/2015
Gleide Costa	Trabalha com futebol e futsal (treinadora)	14/08/2017
Michele Kanitz	Treinadora de futebol	de 11/09/2017 a 19/12/2017
Neila Rosas	Servidora publica	13/02/2017
Talita de Oliveira	Auxiliar técnica do América de Futebol feminino	16/01/2017
Macarena Deichler Celedon	Treinadora de futebol	08/02/2017

Margarete Maria Pioresan	Jogadora de handebol	08/09/2015
Fabiana Guedes Rodrigues	Treinadora e professora de futebol	20/02/2017
Thaissan Passos	Treinadora de futebol	08/01/2018
Luana Paula Silva	Treinadora e gestora do projeto FutDelas	07/02/2017
Andressa Vieira Allet	Técnica	10/10/2014
Patrícia Monteiro de Mattos	Ex-jogadora de futebol, treinadora atualmente	13/10/2015
Juliana Ribeiro Cabral	Ex-jogadora de futebol	02/04/2016
Fernanda Portinho Vlasak	Jogadora de futebol	20/11/2015
Maria Ivette Gallas	Jogadora, gestora e treinadora de futebol e futsal	29/10/2015
Geisa Lima Oliveira	Ex-jogadora de futebol	17/11/2015
Marlisa Wahlbrink (Maravilha)	Ex-jogadora	04/09/2014
Thayná Lima Fagundes	Ex-jogadora futsal	30/06/2015
Laura Giovana dos Santos Andrade	Jogadora de Futsal	25/05/2015
Márcia Tafarel	Ex-jogadora de futebol, atualmente treinadora	27/11/2015
Renata Fragoso Máximo	Jogadora de futsal universitário	11/06/2015
Natália Mendes Nunes	Jogadora de futsal	06/07/2015
Sisleide Lima do Amor (Sissi)	Ex-jogadora de futebol, atualmente treinadora	27/11/2015
Ana Carolina Ramos Moro	Jogadora de Futsal	02/06/2015
Jessica Vieira Saraiva	Jogadora de futebol	31/05/2014
Gisele Rodrigues Ramos	Ex-jogadora, atualmente treinadora	18/11/2015
Rubiani Helvic Klug	Goleira	30/05/2014
Karol Soares (1)	Jogadora de futebol	14/05/2014
Karol Soares (2)	Jogadora de futebol	15/05/2014
Karen de Freitas Lang Rocha (1)	Jogadora de futebol	14/05/2014
Karen de Freitas Lang Rocha (2)	Jogadora de futebol	28/06/2016
Miraildes Maciel Mota (Formiga)	Jogadora de futebol	maio de 2014
Andréia dos Santos (Maycon)	Jogadora de futebol	maio de 2014
Karina Balestra da Luz	Jogadora de futebol	06/09/2014
Mariléia dos Santos (Michael Jackson)	Ex-jogadora de futebol atualmente gestora	31/05/2014
Beatriz Vaz e Silva (Bia Vaz)	Jogadora de futebol	maio de 2014
Tatiele dos Santos Silveira	Jogadora de futebol	17/03/2014
Rafaela Rocha Giozza	Jogadora de futsal	04/12/2014
Nadir dos Santos	Mãe de Suellen dos Santos Ramos (jogadora)	15/11/2014
Fabiana Manzolillo Ramos	Treinadora no Uruguai (entrevista em espanhol)	02/11/2015
Marlene Krüger Helling	Vó de Rubiani Helvic Klug (jogadora futebol)	30/05/2014
Daniela Alves	Ex-jogadora de futebol	26/09/2015



Kelli Guidotti Soares	Mãe Luana Soares do Amaral (jogadora futebol)	31/05/2014
Ariane Cabrera Corrêa	Jogadora de futebol	31/05/2014
Vanessa Prestes Polese	Jogadora de Futsal	22/05/2015
Rafaela Cavalheiro do Espírito Santo	Ex-jogadora de futebol e futsal	02/07/2015
Mônica Hickmann Alves	Jogadora de futebol	20/01/2015
Rosa Luizelli	Mãe de Eduarda Marranghelo Luizelli	26/11/2015
Gabriela Marranghelo Luizelli	Irmã de Eduarda Marranghelo Luizelli	01/10/2015
Renata Maria Sant'Anna (Kaká)	Jogadora de futebol	maio de 2014
Roseli de Belo	Ex-jogadora de futebol	23/05/2015
Patrícia Regina Gusmão (1)	Jogadora de futebol	06/09/2014
Patrícia Regina Gusmão (2)	Jogadora de futebol	16/02/2017
Lara das Graças Pinto Schuler (1)	Jogadora de futebol (embaixadinhas)	08/03/2014
Lara das Graças Pinto Schuler (2)	Jogadora de futebol (embaixadinhas)	06/04/2018
Rani de Oliveira Saldanha	Jogadora de futebol	maio de 2014
Jaqueline de Lima Machado	Jogadora de futsal	08/06/2015
Carolina Dertzbocher Feil Pinho	Jogadora de futsal	10/06/2015
Suellen dos Santos Ramos (1)	Jogadora de futsal	15/11/2014
Suellen dos Santos Ramos (2)	Jogadora de futsal	17/04/2015
Luiza Loy Bertoli Pereira (1)	Jogadora de futsal	20/11/2014
Luiza Loy Bertoli Pereira (2)	Jogadora de futsal	12/02/2014
Luiza Loy Bertoli Pereira (3)	Jogadora de futsal	06/12/2015
Carla dos Santos de Oliveira (Índia)	Jogadora de futebol	31/05/2015
Isabel Cristina de Araújo Nunes (Bel)	Ex-jogadora de futebol	02/03/2016
Célia Liése Brancão Ribeiro	Treinadora	26/11/2015
Simone Gomes Jatobá	Jogadora de futebol	26/06/2016
Lucivânia Batista da Silva	Ex-jogadora de futebol e treinadora	19/05/2015
Dayane Fátima da Rocha	Professora de Educação Física	08/06/2016
Elisângela Bosa Cordeiro	Jogadora de futebol	22/08/2016
Marina Toscano Aggio	Ex-jogadora de futebol	13/06/2016
Joice Luz Vilela da Costa	Ex-jogadora de futebol	07/07/2016
Jéssica Lopes de Souza	Jogadora de futebol	21/08/2011
Betina Indiara Vargas	Jogadora de futebol	21/08/2011
Isabelly Morais Fernandes	Jornalista esportiva	15/09/2018
Rosana dos Santos Augusto	Jogadora de futebol	17/08/2017
Cláudia de Vasconcellos Guedes	Ex-árbitra	29/04/2014
Francielle da Costa Bento	Árbitra	20/03/2014
Cássia Alves Dias	Ex-árbitra	29/04/2014
Regildenia de Holanda Moura	Árbitra	22/04/2014

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, ago./dez. 2021, p. 01 - 25.**Recebido em: 22/08/2021****Publicado em: 03/12/2021**

Graziele Crizol	Ex-árbitra	22/04/2014
Janette Mara Arcanjo	Árbitra	29/04/2014
Tatiane Sacilotti	Ex-árbitra	22/04/2014
Renata Ruel Xavier de Brito	Árbitra	22/04/2014
Asaléa de Campos Fornero Medina (Lea)	Ex-árbitra	05/05/2015
Ana Paula Oliveira	Ex-árbitra	22/04/2014
Luana Soares do Amaral	Jogadora de futebol	30/05/2014
Leticia Oscar Ribas	Jogadora de futsal	04/07/2015
Maria Giovanna Eisermann	Ex-jogadora de futebol	18/05/2016
Silvia Regina de Oliveira	Ex-árbitra	07/05/2015

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para analisar as informações obtidas foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, proposta por Bardin. Para a autora, a análise de conteúdo.

[...] deve ter como ponto de partida uma organização. As diferentes fases da análise de conteúdo organizam-se em torno de três pontos: 1. A pré-análise; 2. A exploração do material; e, por fim, 3. O tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação (BARDIN, 2009 p. 121).

Assim como Neira (2014), que analisou a prática de skate em uma praça da cidade de São Paulo, com o intuito de possibilitar a circulação das informações obtidas a respeito dessa prática corporal e dos seus representantes, transformando esses conhecimentos em temas que podem ser debatidos nas aulas de Educação Física Escolar, realizamos essa pesquisa com as mesmas intencionalidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após interpretar as 102 entrevistas de 85 profissionais (jogadoras, treinadoras, árbitras e gestoras) foram criadas três categorias sobre a temática, sendo elas: estrutura do futebol feminino no Brasil (inexistência de espaços específicos para praticar o futebol feminino na infância e adolescência, dificuldade para encontrar clubes que disputem campeonatos da modalidade, falta de investimento nas categorias de base dos clubes profissionais e falta de remuneração quando conseguem disputar torneios oficiais); relações de gênero no futebol feminino (falta de apoio da família para realizar o esporte e preconceito de colegas e professores de Educação Física que reproduziam o discurso da existência de práticas corporais para meninos e meninas); e corpo das mulheres controlado e policiado (pressão por manter um padrão de beleza estabelecido pela sociedade para as pessoas do gênero



feminino, sendo essa questão um reflexo de ideias preconceituosas, uma vez que essas atletas e profissionais do esporte sempre precisam estar em forma, tendo sua imagem hipersexualizada nos veículos de comunicação, além de precisar suportar considerações desagradáveis relacionadas aos seus corpos).

Estrutura do futebol feminino no Brasil

A falta de estrutura no futebol feminino foi a categoria mais mencionada nessa pesquisa (79 citações). Essa inaceitável realidade já foi demonstrada nos estudos de Haag (2018) e Almeida (2019).

Já nas categorias de base, contrariamente aos homens, as mulheres não possuem nenhuma condição de formar seus conhecimentos técnicos. Nesse contexto, sem nenhum apoio ou investimento, o país cria uma categoria de base desestruturada. No Brasil, ainda existem muitas disparidades no contexto dessa prática esportiva, apesar dos esforços realizados por muitas pessoas. Por conta dessa realidade, muitas jogadoras saem daqui para jogar e fundamentar suas habilidades em outros países. Em alguns casos mais drásticos, elas se desencantam com a profissão e abandonam o esporte. A seguir trechos de depoimentos de jogadoras que refletem essa realidade.

A gente não quer chegar no nível do masculino, mas que o respeito seja bem melhor, que tenha direito a tudo que o esporte profissional tem. Hoje ainda tratam o futebol feminino como amadorismo e a gente não é mais amadora. Nós temos que ser chamadas de profissionais, e ser tratadas como profissionais. (Marildes Mota [Formiga])

Eu comecei a ficar cansada, você começa a ver as coisas não andarem muito, ao invés das coisas estarem progredindo estão regredindo[...]. (Aline Pellegrino)

Então a grande dificuldade é isso, os times montarem uma super equipe ou uma equipe pra disputar um campeonato e depois acabar, então assim, a dificuldade foi isso, até eu ir pra Europa, depois que eu fui pra Europa, a visão é completamente outra, a diferença é imensa. (Simone Gomes Jatobá)

Muitas pararam antes em função dessa dificuldade do futebol feminino, hoje eu tenho amigas que são motoristas de ônibus no Rio de Janeiro, são, garis. (Mariléia dos Santos [Michael Jackson])

Outro déficit, no que diz respeito ao “mundo da bola”, é a falta de investimentos e clubes para jogar. As jogadoras, na maioria das vezes não recebem nada, mal

conseguindo sustentar suas vidas, passando a jogar apenas por diversão, sem enxergar um caminho dentro do esporte, como podemos observar nos trechos das entrevistas.

Jogar futebol, futebol feminino no Brasil, jamais ia ganhar notoriedade e eu não pagava as minhas contas. (Maria Eduarda Luizelli [Duda])

Só que era um salário mais simbólico mesmo, na verdade só para dizer que a gente ganhava alguma coisa, porque chegou uma época que o meu pai me falou assim “não tem mais como te dar as passagens. (Célia Liése Brancão Ribeiro)

De fato, dentre os diversos pontos levantados pelas entrevistadas, a falta de estrutura, investimento e valorização, são os mais citados e mais agravantes, visto que essas mulheres buscam maior equiparação e visibilidade com relação aos homens, entendendo que, tudo é um ciclo, à medida que o país passar a investir no futebol feminino, a mídia e os investidores destinarão recursos à modalidade, passando a ser mais valorizada no país.

As desigualdades que tangem o futebol feminino, também são importantes pontos de destaque. As mulheres aprendem a jogar o jogo com uma estrutura completamente desigual em relação aos homens. Essas diferenças são notadas, por exemplo, na escolha de escolinhas para meninas praticantes do futebol, na maioria dos casos elas não existem, ou são inalcançáveis, fazendo com que as jogadoras não consigam praticar e aprender fundamentos do esporte.

E com 9 anos a minha mãe me colocou numa escolinha, só que a escolinha era só para meninos, na verdade. Ela não tinha encontrado, na época, nenhuma escolinha que fosse só para gurias. (Lícia Sobrosa Machado)

E com doze para treze anos os meus primos entraram para uma escolinha de futebol e eu tentei entrar nessa escolinha também, mas não aceitavam meninas. Aceitavam só meninos. E aí eu fui jogar handebol porque a moça falou que era uma modalidade mais próxima do futebol que eu chegaria. (Thaissan Passos)

[...] mas jogávamos na mesma escolinha. Eu era a única guria entre os meninos [...] (Vanessa Prestes Polese)

Após esse primeiro contato com o futebol, o segundo desafio que as mulheres passam é encontrar um clube para jogar profissionalmente. Essas dificuldades, relatadas acima, refletem não só os padrões do preconceito no futebol feminino, mas o perfil e os pensamentos pautados nele.



Portanto, na perspectiva de Kessler (2012), enquanto a profissionalização do futebol masculino parece ter se solidificado, a prática das mulheres ainda ostenta uma característica amadora, em que não existem clubes estruturados ou significativos apoios governamentais. A grande maioria das jogadoras vive de ajudas de custo (sem salário ou carteira assinada) e as equipes brasileiras têm custeado seus gastos mediante parcerias com prefeituras.

O futebol praticado por mulheres no Brasil ainda é realizado com muitas atletas recebendo um salário insuficiente para que elas possam se dedicar somente ao esporte, havendo a necessidade de outros empregos para complemento da renda. A organização de campeonatos, a estrutura física e financeira da grande maioria dos clubes de futebol feminino ainda é precária, fato que posiciona essa prática corporal às margens no subcampo do futebol no Brasil (SALVINI; FERREIRA; MARCHI JÚNIOR, 2014).

Em diálogo com Goellner e Kessler (2018), mencionamos que a escassez de campeonatos, o pouco espaço na mídia, a ausência de equipes nos principais clubes, o pouco incentivo para a prática do futebol pelas meninas nos espaços de lazer, entre tantas outras situações, indica o quanto no Brasil o futebol praticado por mulheres se apresenta sub-representado.

Por fim, destacamos que a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) aprovou em 2016, no estatuto, mudanças para tentar promover a igualdade de gênero. Os clubes de futebol masculino que quisessem obter a licença da confederação para disputar a Copa Sul-Americana ou a Libertadores da América deveriam criar equipe de mulheres até 2019 – ou se associar a outro clube que possuísse essa categoria atuante em campeonatos oficiais. Todavia, essas alterações ainda não melhoraram efetivamente a estrutura e as condições de trabalho das mulheres que trabalham no contexto do futebol (ALMEIDA, 2019).

Relações de gênero no futebol feminino

O futebol feminino vem crescendo expressivamente e as mulheres estão cada vez mais ganhando notoriedade, porém, a luta por um ambiente mais igualitário e respeitoso, se mantém tanto dentro quanto fora das quatro linhas. Estudos recentes

realizados por Ferreira et al. (2018) e Broch (2021) confirmam que ainda existem muitas desigualdades de gênero na efetivação dessa prática corporal em solo brasileiro. Nesse contexto, temas que atravessam as relações de gênero nessa manifestação da cultura corporal foram citados 58 vezes nas entrevistas analisadas nesse estudo.

Há muitos anos a sociedade conserva pensamentos sexistas, que se originam desde os primórdios da humanidade, em que a mulher era considerada uma propriedade dos homens e sua exclusiva função era procriação, além de diversas teorias conservadoras, que discorrem a respeito do papel feminino no ambiente doméstico, como cumpridora de funções de: mãe, esposa e dona de casa.

Em detrimento disso, as mulheres atuantes no futebol feminino, colhem os efeitos desses pensamentos na sociedade patriarcal, visto que, muitas vezes, o preconceito com essas mulheres, começa dentro de casa, quando suas famílias não as apoiam, ou até mesmo as proíbem de praticar o esporte, por julgarem ser “coisa de homem”. A seguir trechos de depoimentos de jogadoras que comprovam esses pensamentos.

Futebol ele é muito complicado. Principalmente para mulher. A gente sofre muitos preconceitos. É...: “Futebol não é coisa de mulher”, “Vai machucar”, e... Muita gente vê a gente como o sexo frágil e às vezes quer proteger e tal aí acaba, ofendendo. Então tem vários fatores. (Talita de Oliveira)

Não existiam bem, árbitras, então minha mãe não gostou muito da ideia. (Cláudia de Vasconcellos Guedes)

Ah, futebol é para homem”, “Isso aí não dá futuro”. “Melhor você fazer outra coisa, vai perder tempo da sua vida jogando futebol”. “Você nunca vai ser reconhecida por que o preconceito sempre vai ter”, esse tipo de coisa que eu ouvia [risos]. (Fabiana Guedes Rodrigues)

Tinha, tinha mais do irmão, assim. Meu irmão é três anos mais velho [trecho inaudível]. Minha mãe não. Minha mãe já não curti muito não. (Luana Paula Silva)

Mas sempre tinha aquela coisa “ela joga futsal” toda a questão de “meninas não podem jogar. (Laura Giovana dos Santos Andrade)

E não podia. Eu gastei muitas lágrimas para poder jogar porque tinha o preconceito vindo de casa. Meus pais não queriam que eu fosse brincar porque futebol era coisa de menino e só eu de menina, tanto que eu pensava que era só eu no mundo, de menina que jogava bola, nenhuma outra. (Daniela Alves)



Outra dose desse preconceito é sofrida e descoberta nas aulas de Educação Física e, em alguns casos, se perpetuando fora dela, quando as meninas são coibidas ou proibidas de jogar, pois a presença nas quadras é quase que exclusivamente masculina. A raiz desses preconceitos é possivelmente explicada, porque sempre as garotas são incentivadas a brincarem com aquelas atividades construídas culturalmente como femininas, ou seja, meninas devem brincar de boneca e de casinha e os meninos praticar os gestos do futebol. A seguir trechos de depoimentos de jogadoras, que expressam essas narrativas.

No recreio, eu jogava “bolita” com eles, eu jogava pião com eles, eu jogava futebol com eles. Então, as meninas das outras turmas começavam a falar assim: “Parece um guri, parece um menino, tá sempre com os meninos, a gurizinho. (Suellen dos Santos Ramos)

Só eu, jogando bola só eu. Em todas as outras brincadeiras as gurias brincavam junto, brinca de esconde, pega-pega, qualquer coisa as gurias brincavam, mas na hora de jogar bola só eu que jogava. (Tatiele dos Santos Silveira)

Na época, principalmente, no fim de ano, quando eles perguntavam o que eu queria de presente de Natal eu sempre escolhia aquelas bonecas que eu podia arrancar a cabeça (pra jogar) [risos]. (Sisleide Lima do Amor [Sissi])

Com cinco anos eu já tinha interesse pela bola eu via uma bola e já queria chutar. No entanto eu não tinha participado de nenhum jogo. Eu sempre ficava olhando os guris, não havia meninas que jogavam, era apenas eu. [risos] então quando eu chutava, era eu sozinha mesmo. (Geórgia Balardin)

Indo ao encontro dos dados produzidos nessa pesquisa, Cruz et al. (2008) entrevistaram jogadoras de futebol da cidade de Guanambi-BA, que ressaltaram sobre a falta de incentivo de parentes e amigos para praticar a modalidade esportiva e o preconceito existente com as mulheres que jogam futebol nessa localidade, concluindo que uma parcela da sociedade contemporânea continua com pensamentos machistas e retrógrados, dificultando a igualdade de oportunidades no campo esportivo.

Na mesma perspectiva, Costa (2016) realizou entrevistas semiestruturadas com quatro atletas do clube Pelotas/Phoenix, da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. Ao analisar as respostas das jogadoras, a autoria identificou que ainda existem muitos preconceitos contra as mulheres que vivenciam os gestos dessa prática corporal, principalmente de amigos. Outra questão importante é que esse pensamento machista ainda persiste nas escolas, quando os/as docentes de Educação Física

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, ago./dez. 2021, p. 01 - 25.

Recebido em: 22/08/2021

Publicado em: 03/12/2021

desestimulavam as meninas que queriam vivenciar manifestações da cultura corporal consideradas como masculinas.

Moreira, Prado e Cavaleiro (2019) também realizaram um estudo com jogadoras de futebol feminino de um clube localizado em São Paulo. Ao interpretar as entrevistas semiestruturadas, as autoras e o autor identificaram que as jogadoras percebem olhares depreciativos, principalmente por parte dos homens, que buscam desqualificar suas atuações em uma prática tida como masculina e tiveram que enfrentar diversas adversidades e obstáculos em seus vários espaços de sociabilidade (escola, família, amigos) para continuar praticando a modalidade esportiva.

Corpo controlado e policiado no futebol feminino

Outra dificuldade que as mulheres envolvidas com o futebol também enfrentam é o controle e policiamento do seu corpo (citado 55 vezes nas entrevistas), refletindo as ideias limitantes e preconceituosas da sociedade, uma vez que essas atletas deveriam estar em forma, tendo sua imagem hipersexualizada pela mídia nos veículos de comunicação, além de precisar suportar considerações desagradáveis relacionadas aos seus corpos e a vigilância sobre a identidade de gênero (SOUZA; CAPRARO; MORAES E SILVA, 2017; TEIXEIRA; CAMINHA, 2013).

[...] ao meu ver o futebol feminino eles querem muito ter aquela coisa da beleza da mulher, a parte feminina da mulher. Poxa, tem tanto esporte que não tem isso, feminino, que eles não enxergam isso e no futebol feminino ele tem sempre aquela coisa: “mulher tem que ser feminina”, “a mulher tem que usar batom”. Se tu for ver nas reportagens tem muito isso, eles ficam muito nisto [...] (Fernanda Portinho Vlasak)

Se o erro é de um homem, tanto assistente como árbitro central, já não tem o mesmo peso quanto para as mulheres. Mas eu acho que isso é até pelo número de mulheres, como são menos mulheres atuando no futebol, então quando acontece um erro a visibilidade é muito maior. Já que o número de homens é muito maior, então que sendo: “Ah, é natural, o árbitro tem direito a errar!”. Mas se for com a árbitra feminina a visibilidade é muito maior. Então acaba tendo um pouco mais de preconceito. (Regildenia de Holanda Moura)

[...] a Sílvia Regina errou no jogo do Atlético no Independência, não me lembro quem era o adversário do Atlético, ela teve 2 erros e ela foi muito criticada, não é? Duramente. Eu acho que nessa época se fosse um homem não teria tido a repercussão que teve, não teria acontecido o que aconteceu, não é? (Cássia Alves Dias)



Dessa forma, podemos observar esses relatos nas entrevistas, onde as jogadoras de futebol feminino e as árbitras dessa modalidade esportiva mencionam que os seus corpos são controlados e policiados pela mídia e torcedores, em detrimento das cobranças sobre as suas habilidades técnicas e profissionais.

[...] há o interesse, porque a maioria dos torcedores são homens. Então é tudo uma jogada de marketing. Eu só acho que a mídia, ela tinha que ficar mais no lado profissional da árbitra, não no corpo dela [...] (Graziele Crizol)

Eu mesma já tive situação de estar na Vila Belmiro, pegando o elevador para subir e diretor lá de dentro olhar para mim e falar assim: “Você é tão bonita, trabalhando com isso. (Luana Paula Silva)

[...] de falar que eu sou muito nova e não deveria estar onde eu estou. De levar algumas cantadas e [pausa]. Alguns abusos da pessoa não respeitar o meu espaço, de tentar ser mais agressivo assim com palavras, de oferecer coisas, mas enfim [...] (Michele Kanitz)

[...] o próprio treinador do Santos não gosta de futebol feminino. Ele é muito preconceituoso, entendeu? Teve uma situação...Que a mulher dele ficou grávida e eu falei para ele assim: “Que legal, você vai ter uma menina...Vai jogar bola”. Ele virou muito agressivo para mim falando “Nunca que a minha filha vai fazer esporte de macho. (Luana Paula Silva)

Nesse contexto, Salvini, Souza e Marchi Júnior (2015) mencionam que na medida em que as atletas devem incorporar, para um maior êxito social, a representação de feminilidade aplicada à sociedade no espaço de jogo, é reforçada a ideia de uma jogadora de futebol femininamente dócil, impossibilitando que elas se preocupem apenas com as dificuldades inerentes a partida que está sendo realizada. Portanto, os cuidados com a aparência física atrelada aos preceitos culturais e históricos de feminilidade aparecem nesse âmbito como uma forma de naturalizar a representação feminina também no espaço do futebol.

A mídia também costuma reforçar essa imagem de feminilidade nas jogadoras para dar visibilidade aqueles atributos corporais da mulher-futebolista. Dessa forma, a manipulação corporal surge no universo do futebol feminino brasileiro com o intuito de reforçar a representação de feminilidade culturalmente construída no país, construindo uma lógica de espetacularização dos corpos femininos no mercado, de modo a contrabalançar estigmas homofóbicos presentes nessa prática esportiva e veicular uma “nova cara” do futebol feminino brasileiro nos meios de comunicação (SALVINI; SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2015).

Assim, também existem questionamentos quanto à sexualidade feminina, relacionando essa questão com a profissão que as mulheres desempenham no esporte.

[...] e aí já tinha aquele preconceito: “Ela joga futsal, ela é sapatão [...], mas porque que uma menina que joga futsal, futebol teria que necessariamente ser lésbica. (Laura Giovana dos Santos Andrade)

[...] por um rapaz que é técnico de um time adversário daqui que ele... Ele é técnico no futsal e a gente estava jogando a seletiva para a Copa do Brasil e ele estava lá na arquibancada... É... Xingando as minhas jogadoras, chamando como sempre chamam de... De sapatão, essas coisas [...] (Neila Rosas)

[...] Porque diversas vezes me perguntaram se eu era um guri [...] (Geórgia Balardin)

Dialogando com a realidade vivida pelas entrevistadas nesse estudo, Rosa et al. (2020) mencionam que o futebol feminino ainda sofre preconceito, pois as mulheres que praticam essa modalidade são discriminadas e têm sua sexualidade questionada perante a sociedade. Kessler (2020) também aponta que as mulheres lésbicas e homossexuais que jogam futebol amador ou no seu tempo de lazer, sofrem com cerceamentos e perseguições, em diversas situações. Portanto, a literatura científica da área aponta o policiamento e o controle da sexualidade de meninas e mulheres que vivenciam os gestos do futebol feminino em vários espaços.

Todos esses fatores refletem em como as mulheres são vistas e se portam diante da sociedade. Portanto, essas profissionais estão cansadas de tanta misoginia e preconceito e lutam para a equiparação de direitos no país do futebol.

Então aprendi a apanhar e não chorar. [risos] (Marildes Mota [Formiga])

Ao entrevistar quatro jogadoras de um clube de futebol amador de Curitiba-PR, Salvini e Marchi Júnior (2016b) relatam que as atletas da modalidade resistem aos preconceitos, policiamento e controle dos seus corpos, se mantendo como praticantes dessa manifestação da cultura corporal. A autora e o autor ainda mencionam que o descrédito quanto às habilidades físicas ou as questões dúbias quanto à sexualidade toma outro rumo quando as atletas chegam ao alto-nível, quando representam a seleção brasileira de futebol feminino, e principalmente quando fazem do futebol a sua profissão, já que nesse momento, as pessoas que antes não acreditavam, passam a vê-las com outros olhos.



Nesse contexto, tomando como base todos os depoimentos descritos na pesquisa conduzida por Salvini e Marchi Júnior (2016b), as mulheres brasileiras que jogam futebol podem ser consideradas como guerreiras, já que existe uma luta constante das agentes dominadas no subcampo do futebol pela legitimação da condição de entrada e manutenção nessa estrutura, desde a batalha que enfrentam para se estabelecer como jogadoras, seja na infância, quando precisam se esforçar por um espaço no time de meninos, na adolescência quando procuram por escolinhas para se especializarem na modalidade ou na vida adulta, quando lutam para ter o reconhecimento financeiro e profissional na modalidade esportiva. Portanto, a luta por espaço e reconhecimento ultrapassa a fronteira dos gramados, seguindo em direção às disputas políticas intrínsecas a essa modalidade no contexto brasileiro.

PROBLEMATIZAÇÃO SOBRE OS SABERES RELACIONADOS COM O FUTEBOL FEMININO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Os projetos de ensino organizados pelos/pelas docentes de Educação Física Escolar precisam possibilitar a leitura de mundo, a conscientização e a politização dos/das estudantes sobre os saberes de resistência construídos historicamente sobre as práticas corporais e a relação dos jovens com o seu corpo, colocando em evidência conhecimentos marginalizados pelo sistema capitalista, principalmente aqueles relacionados com os marcadores sociais de gênero, classe, raça, geração, religião e saúde que atravessam a sociedade contemporânea, debatendo sempre sobre as relações de poder que constituem as identidades desses grupos no bojo do neoliberalismo que vivemos, na perspectiva de construir uma sociedade culturalmente plural e consciente das opressões ocasionadas por um sistema sociopolítico que necessita manter as desigualdades entre os seres humanos para continuar existindo (MALDONADO; FARIAS; NOGUEIRA, 2021).

Dessa forma, a função social das aulas do componente curricular está relacionada com a produção de experiências que promovam a leitura crítica do mundo atrelada aos saberes produzidos sobre as danças, lutas, esportes, ginásticas, jogos, brincadeiras e a relação da sociedade com o corpo, pelos grupos que foram marginalizados no sistema capitalista, possibilitando que os/as estudantes leiam as

lutas macro e microsociais dos movimentos sociais e da comunidade científica (MALDONADO; FARIAS; NOGUEIRA, 2021).

Portanto, a partir dessa pesquisa, defendemos que a história de dificuldades e luta das profissionais do futebol sejam problematizadas nas aulas de Educação Física no Ensino Médio, na perspectiva de que os/as estudantes possam formar um pensamento crítico e politizado sobre o tema, construindo uma sociedade que valoriza as diferenças e não aceita as desigualdades econômicas nas práticas corporais.

Ao tomar contato com essa produção discursiva, o professor e a professora de Educação Física Escolar podem tematizar o futebol feminino em suas aulas, problematizando com os alunos e alunas aspectos relacionados com a infraestrutura brasileira para a prática da modalidade esportiva, as relações de gênero existentes na realização dessa prática corporal, desvelando o seu processo histórico e analisando os discursos que foram produzidos, ao longo dos anos, sobre a participação feminina na respectiva modalidade esportiva, seja como atleta, árbitra ou gestora e o controle e policiamento do corpo das jogadoras.

Todavia, enfatizamos que muitos/muitas docentes de Educação Física já têm desenvolvido projetos educativos que problematizam as relações de gênero a partir de diversas práticas corporais e da produção acadêmica das Ciências Humanas. Ao acessarem esses conhecimentos e ampliarem a sua leitura de mundo, os/as discentes da Educação Básica questionam estereótipos, preconceitos e discriminações contra as mulheres e as pessoas que possuem diferentes identidades de gênero (MALDONADO, 2020; 2021).

Especificamente sobre a tematização do futebol feminino nas aulas de Educação Física, enfatizamos as experiências político-pedagógicas relatadas por Colombero e Gramorelli (2012), Portaplia e Escudero (2014), Aguiar et al. (2016), Moura (2017) e Bonetto (2019), que organizaram diversificadas atividades de ensino para desconstruir a ideia que essa prática corporal deve ser realizada apenas por homens, na perspectiva de desconstruir as interdições de gênero que ainda persistem em existir nas práticas corporais.

Nas últimas décadas, com a entrada e a permanência da Educação Física na área de Linguagens, se tornou possível efetivar projetos educativos em que os/as



discentes vivenciem os gestos das práticas corporais, analisem textos científicos e midiáticos, apreciem poesias, poemas e músicas, analisem filmes e documentários, criem charges e *slams* e produzam exposições virtuais que os possibilite ler o mundo criticamente sobre os conhecimentos históricos, sociais, políticos, econômicos, biológicos e fisiológicos das práticas corporais e da sua relação com o corpo, na perspectiva de compreender a luta histórica dos grupos oprimidos contra o sistema neoliberal (MALDONADO; FARIAS; NOGUEIRA, 2021). Assim, as problematizações sobre o futebol feminino precisam buscar a libertação dos educandos e das educandas dos discursos fatalistas, conservadores e de manutenção das desigualdades culturais, sociais e econômicas do sistema político-econômico vigente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse estudo foi analisar as relações de gênero existentes nas práticas corporais, dando ênfase para o futebol feminino, na perspectiva de produzir conhecimentos que possam ser problematizados nas aulas de Educação Física Escolar. Após a análise do material empírico, foi possível perceber que saberes relacionados com as questões estruturais para praticar o futebol feminino, as relações desiguais de gênero para a vivência dessa prática corporal e o controle e policiamento do corpo e da sexualidade das jogadoras e profissionais envolvidas com essa manifestação da cultura corporal são questões que ainda fazem parte da realidade desse esporte e precisam ser problematizadas nas aulas do componente curricular na Educação Básica.

Nessa perspectiva, defendemos que a função social da Educação Física Escolar deve ser a tematização das práticas corporais e a problematização dos diferentes saberes produzidos pela humanidade sobre as danças, lutas, esportes, ginásticas, jogos e brincadeiras. Portanto, analisar as experiências das profissionais envolvidas com o futebol feminino pode auxiliar os/as docentes que atuam na Educação Básica a selecionar produções científicas sobre essas temáticas.

Sugerimos que outros estudos sejam produzidos, analisando as experiências de pessoas do gênero feminino praticantes de diferentes manifestações da cultura corporal, com a intencionalidade de que possamos compreender com maior

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, ago./dez. 2021, p. 01 - 25.

Recebido em: 22/08/2021

Publicado em: 03/12/2021

profundidade as relações de gênero que atravessam as práticas corporais em diferentes contextos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Alessandra Aparecida Dias *et al.* Relações de gênero na prática do futebol. *In: NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mario Luiz Ferrari. Educação Física cultural: escritos sobre a prática.* Curitiba: CRV, 2016. p. 165-180.

ALMEIDA, Caroline Soares. O estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do futebol feminino no Brasil. **Fulia**. v. 4, n. 1, p. 72-87, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14658/11856>. Acesso em: 22/08/2021.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2009.

BONETTO, Pedro Xavier Russo. Futebol e Copa do Mundo: uma experiência pedagógica baseada na Educação Física Cultural. **Revista de Educação Popular**. Uberlândia, v. 18, n. 3, p. 109-126, 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/47383/27873>. Acesso em: 22/08/2021.

BROCH, Marina. Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero. **Temporalidades**. v. 13, n. 1, p. 695-705, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/26283/27775>. Acesso em: 22/08/2021.

COLOMBERO, Rose Mary Marcos Papolo; GRAMORELLI, Lilian Cristina. Futebol e representações sociais na escola. *In: NEIRA, Marcos Garcia; LIMA, Maria Emilia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. Educação Física e culturas: ensaios sobre a prática.* São Paulo: FEUSP, 2012. p. 31-48.

COSTA, Martina Gonçalves Burch. Perspectivas para o futebol feminino: um estudo a partir do Pelotas/Phoenix. **Revista Brasileira de Futebol e Futsal**. São Paulo, v. 8, n. 31, p. 379-386, 2016. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/502/377>. Acesso em: 22/08/2021.

CRUZ, Marlon Messias Santana *et al.* O futebol feminino em Guanambi: realidade vestida de preconceito. **Unimontes Científica**. Montes Claros, v. 10, n. 1/2, p. 2-11, 2008. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/unicientifica/article/view/2282/2383>. Acesso em: 22/08/2021.

FERREIRA, José Ricardo Lopes *et al.* Perspectivas sobre as mulheres no campo do futsal/futebol feminino: o que as pesquisas nos periódicos nacionais evidenciam. **Motrivivência**. Florianópolis, v. 63, n. 64, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/76239/45964>. Acesso em: 22/08/2021.



FERREIRA, Mario Jordão Pessoa et al. Preconceito no futebol feminino no Brasil: uma revisão narrativa. **Revista Diálogos em Saúde**. v. 1, n. 2, p. 112-128, 2018. Disponível em: <https://periodicos.iesp.edu.br/index.php/dialogosemsaude/article/view/211/188>. Acesso em: 22/08/2021.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/nTrFPPWwPkMTKPMmBmtRwCc/?lang=pt>. Acesso em: 22/08/2021.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590/18303>. Acesso em: 22/08/2021.

_____. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**. Porto Alegre, v. 27, e-e27001, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/110157/60400>. Acesso em: 22/08/2021.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Cláudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP**. São Paulo, n. 117, p. 31-38, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/148685/146121>. Acesso em: 22/08/2021.

HAAG, Fernanda Ribeiro. “O futebol pode não ter sido profissional comigo, mas eu fui com ele”: trabalho e relações sociais de sexo no futebol feminino brasileiro. **Mosaico**. v. 9, n. 14, p. 141-160, 2018. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/73997/73207>. Acesso em: 22/08/2021.

HODDER, Ian. The interpretation of documents and material culture. In: GOODWIN, John (Ed.). **SAGE biographical research**. Sage, 2012. p. 393-397.

KESSLER, Cláudia Samuel. Se é futebol, é masculino? **Sociologias Plurais**. n. especial 1, p. 240-254, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/sclplr/article/view/64807/37732>. Acesso em: 22/08/2021.

KESSLER, Cláudia Samuel. “São tudo sapatão”: lesbianidades e heteronormatividade no futebol/futsal brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 7, n. 3, p. 45-62, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/26962/23292>. Acesso em: 22/08/2021.

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, ago./dez. 2021, p. 01 - 25.

Recebido em: 22/08/2021

Publicado em: 03/12/2021

KOZINETS, Robert. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Tradução Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014.

MAGRI, Diogo. Proibido há 80 anos por “prejudicar maternidade”, futebol feminino estreia brasileiro histórico. **Jornal El País**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2021-04-17/proibido-por-80-anos-por-prejudicar-maternidade-futebol-feminino-estrea-brasileirao-historico.html>. Acesso em: 12/11/2021.

MALDONADO, Daniel Teixeira. **Professores e professoras de Educação Física progressistas do mundo, uni-vos!** Curitiba: CRV, 2020.

MALDONADO, Daniel Teixeira. Por uma Educação Física Escolar feminista. **Temas em Educação Física Escolar**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 15-38, 2021. Disponível em: http://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/temasemedfisaescolar/article/view/3135/pdf_24. Acesso em: 22/08/2021.

MALDONADO, Daniel Teixeira; FARIAS, Uirá de Siqueira; NOGUEIRA, Valdilene Aline. Lendo o mundo nas aulas de educação física no ensino médio: por uma ecologia de saberes contra-hegemônicos sobre as práticas corporais e o corpo. **Caderno de Educação Física e Esporte**. Marechal Cândido Rondon, v. 19, n. 3, p. 1-8, 2021.

MOREIRA, Maria de Fatima Salum; PRADO, Vagner Matias; CAVALEIRO, Maria Cristina. Quando o futebol é de mulheres: suspeitas, regulações e transgressões no campo dos gêneros e sexualidades. **Ensino em Re-Vista**. Uberlândia, MG, v. 26, n. 2, p. 524-546, 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/49345/26293>. Acesso em: 22/08/2021.

MOURA, Iuri Leal. O futebol como ferramenta na coeducação. **Temas em Educação Física Escolar**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 94-105, 2017. Disponível em: http://cp2.g12.br/ojs/index.php/temasemedfisaescolar/article/view/767/pdf_1. Acesso em: 22/08/2021.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, 2005. Disponível em: <http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/view/148/157>. Acesso em: 22/08/2021.

NEIRA, Marcos Garcia. Etnografando a prática de skate: elementos para o currículo da Educação Física. **Revista Contemporânea de Educação**. v. 9, n. 18, p. 299-316, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1861/1695>. Acesso em: 22/08/2021.

NEVES, Thalita. Apresentadora, torcedora ou jogadora: Fernanda Gentil, Larissa Riquelme e Marta nas representações das mulheres pelo jornalismo esportivo. **Fulia**. v. 4, n. 1, p. 8-22, 2019. Disponível em:



<https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14654/11852>. Acesso em: 22/08/2021.

OLIVEIRA, Mariana Gomes; MALDONADO, Daniel Teixeira. Análise midiática sobre o futebol feminino no Brasil: elementos didáticos para as aulas de Educação Física no ensino médio. **Motrivivência**. Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 1-21, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/73498/45128>. Acesso em: 22/08/2021.

PORTAPLIA, Dayane Maria de Oliveira; ESCUDERO, Nyna Taylor Gomes. Quando o familiar se mostra estranho: um olhar diferente para o futebol. In: NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mario Luiz Ferrari. LIMA, Maria Emília. **Educação Física e culturas: ensaios sobre a prática – volume 2**. São Paulo: FEUSP, 2014. p. 183-202.

ROSA, Marcelo Victor et al. Mulheres e futebol: um estudo sobre esporte e preconceito. **Gênero**. Niterói, v. 21, n. 1, p. 190-218, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/46923/26914>. Acesso em: 22/08/2021.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, ano 1, n. 1, jul. 2009. Disponível em: <https://www.seer.furg.br/rbhcs/article/view/10351/pdf>. Acesso em: 22/08/2021.

SALVINI, Leila; FERREIRA, Ana Letícia Padeski MARCHI JÚNIOR, Wanderley. O futebol feminino no campo acadêmico brasileiro: mapeamento de teses e dissertações (1990-2010). **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 17, n. 4, p. 1-14, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/31617/17763>. Acesso em: 22/08/2021.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Registros do futebol feminino na Revista Placar: 30 anos de história. **Motrivivência**. v. 28, n. 49, p. 99-113, 2016a. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n49p99/32958>. Acesso em: 22/08/2021.

_____. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, n. 30, v. 2, p. 303-311, 2016b. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/117524/115250>. Acesso em: 22/08/2021.

SALVINI, Leila; SOUZA, Juliano; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Entre fachadas, bastidores e estigmas: uma análise sociológica do futebol feminino a partir da teoria de ação social de Erving Goffman. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, n. 29, v. 4, p. 559-569, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/108407/106707>. Acesso em: 22/08/2021.

SOUZA, Juliana Sturmer; KNIJNIK, Jorge Dorfman. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 21, n. 1, p. 35-48, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16642/18355>. Acesso em: 22/08/2021.

SOUZA, Maria Thereza Oliveira; CAPRARO, André Mendes; MORAES E SILVA, Marcelo. Habilidosas e bonitas: as considerações sobre duas atletas de futebol sobre a formação de suas identidades. **Movimento**. Porto Alegre, v. 23, n. 3, p. 883-894, 2017. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/64827/43872>. Acesso em: 22/08/2021.

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Movimento**. Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 265-287, 2013. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/30943/24406>. Acesso em: 22/08/2021.

